



Pull-down-and-keep-down syndrome: A representação da pobreza juvenil no romance Little Family, de Ishmael Beah

**Rafael Barbosa de Jesus Santana**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

rafael.santana.001@hotmail.com

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la novela Little Family (2020), del escritor sierraleonés Ishmael Beah, a partir de los conceptos de pobreza juvenil y territorialidad, con el fin de identificar las formas de marginación juvenil en la época contemporánea y las estrategias de territorialización de esta población. El estudio se guiará por la metodología de Análisis de Componentes Principales (ACP), basada en los aportes de Zahreddine & Teixeira (2015), y por la metodología de Historia Global propuesta por Conrad (2019), Rousso (2014) y Newell (2006). La hipótesis central del análisis y confirmada por el estudio es que la pobreza juvenil, representada por Beah en su segunda novela, es sintomática de una estructura capitalista global que despoja a los jóvenes del poder y los coloca en un lugar de invisibilidad social, especialmente cuando esta población es del continente africano.

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o romance Little Family (2020), do escritor serra-leonense Ishmael Beah, a partir dos conceitos de pobreza juvenil e territorialidade, no intuito de identificar as formas de marginalização juvenil na contemporaneidade e as estratégias de territorialização dessa população. O estudo será guiado pela metodologia de Análise de Componentes Principais (ACP), calcado pelas contribuições de Zahreddine & Teixeira (2015), e pela metodologia da História Global proposto por Conrad (2019), Rousso (2014) e Newell (2006). A hipótese cerne da análise e confirmada com o estudo é de que a pobreza juvenil, representada por Beah em seu segundo romance, é sintomática de uma estrutura global capitalista que despoja a juventude do poder e a joga num local de invisibilidade social, principalmente quando essa população é do continente africano.

Abstract

This article aims to analyze the novel Little Family (2020), by Sierra Leonean writer Ishmael Beah, based on the concepts of youth poverty and territoriality, in order to identify forms of youth marginalization in contemporary times and the strategies for the territorialization of this population. The study will be guided by the Principal Component Analysis (PCA) methodology, based on the contributions of Zahreddine & Teixeira (2015), and by the Global History methodology proposed by Conrad (2019), Rousso (2014) and Newell (2006). The core hypothesis of the analysis and confirmed by his study is that youth poverty, represented by Beah in his second novel, is symptomatic of a global capitalist structure that strips youth of power and places them in a site of social invisibility, especially when this population is from the African continent.

Palabras Clave:
África; Juventud; Ishmael Beah.

Palavras-chave:
África; Juventude;
Ishmael Beah.

Keywords:
África; Juventude;
Ishmael Beah.

1. Primeiras Palavras

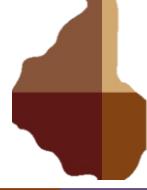
Nascido na Serra Leoa, país da África Ocidental, em 1980, Ishmael Beah teve parte de sua infância e juventude fortemente impactada pela guerra civil de seu país, que ocorreu entre os anos de 1991 e 2002. Beah não só sofreu com a violência gerada com o conflito bélico, mas também perpetrhou uma série de atrocidades, visto que o mesmo foi utilizado como uma criança-soldado. O relato sobre a sua experiência foi exposto na biografia intitulada *A Long Way Gone: Memoirs of a Boy Soldier*, publicada em 2007 e que só ganhou uma versão em português em 2015, quando publicado pela editora Companhia das Letras.

Contudo, o serra-leonense não queria ser resumido apenas àquelas memórias, mas também ser visto como alguém que pensa sobre o presente e projeta um futuro social. Nesse intuito, o autor escreveu o romance *O Brilho do Amanhã*, publicado na sua versão em inglês e português em 2015. Nesse romance, num diálogo com o conhecimento histórico, o ativista dos direitos humanos traz para o debate o período pós-guerra civil em Serra Leoa, através de personagens que tentam reconstruir suas vidas, suas sociabilidades, suas tradições, suas casas e seus vilarejos que foram tão drasticamente afetados com o conflito.

Continuando nesse processo de não olhar apenas para a dor, mas identificar o que há de “brilho” nessas condições, Beah publicou o romance *Little Family* ou Pequena Família em tradução livre. A obra, original em inglês, ainda não tem tradução para o português, mas já foi traduzida para o francês, por exemplo. O *novel* conta a história de cinco personagens entre dez e vinte anos de idade que, por diferentes razões, acabam se cruzando na vida e decidem viver e sobreviver juntos, num cenário de grande desigualdade social. Das três escritas de Beah, esta é, sem dúvidas, a que mais dialoga com problemáticas sociais que não estão circunscritas ao território da Serra Leoa ou da África, mas a todo o mundo capitalista, como a fome.¹

É pensando nesse caráter local e, concomitantemente, translocal que *Little Family* se revela como uma fonte riquíssima para pensarmos historicamente a marginalização da juventude na contemporaneidade e as desigualdades sociais. À vista disso, o presente artigo almeja analisar o supracitado romance a ponto de identificar como Beah representa as desigualdades sociais e a marginalização da juventude pobre. Nesse intento, os conceitos de análise utilizados serão pobreza juvenil e territorialidade, os quais serão manejados conforme as metodologias de

1 Em 2010, mais de um terço da população da África Subsaariana passava fome (FERNANDES, 2010).



Análise de Componentes Principais (ACP) e da História Global, discutidas por autores como Zahreddine & Teixeira (2015), Conrad (2019), Rousso (2014) e Newell (2006).

2. De Que Juventude Estamos Falando?

É consenso nas Ciências Humanas que a categoria juventude não é monossêmica e que se trata de um conceito historicamente construído, ou seja, carrega em si as marcas do tempo e do espaço de sua elaboração. Existem, desse modo, várias formas “de ser e estar jovem no mundo contemporâneo” (OLIVEIRA & PIMENTA, 2023, p. 9). Juventude seria então uma fase da vida, assim como um estilo de vida (WEISHEIMER, 2023), concepção que tem sido mais valorizada no campo da História. As teorias pós-coloniais sobre as juventudes, tendem a classificar o mencionado conceito em oposições binárias: ocidental ou não-ocidental, do norte ou do sul global, branco ou não-branco, etc. Tais dicotomias não são facilmente descartáveis, mas costumam ser insuficientes quando o objeto de estudo é a pobreza juvenil, uma condição relacionada a fluxos econômicos e sociais globais/transculturais, que atinge principalmente as sociedades capitalistas, mas não só elas.²

Assim, um elemento essencial para compreendermos a definição de juventude é percebermos que existe, em qualquer sociedade, uma juventude ideal imaginada e uma juventude vivida/real, “com toda a sua configuração de violações de direitos e ausência do Estado” (SOUZA & PAIVA, 2012, p. 353). Trata-se de uma outra dicotomia, não aquela mais comum nas teorias pós-coloniais. Essa juventude, seja idealizada ou real, é definida por “um período não necessariamente delimitado pela idade, mas que compreende outros fatores, relacionados a intensas transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais” (SOUZA & PAIVA, 2012, p. 353). A juventude abordada por Beah em *Little Family* é caracterizada pela faixa etária, assim como pelas transformações citadas por Souza & Paiva (2012). Outro ponto de diálogo indireto entre as autoras e Beah é a concepção do fator social classe como o elemento principal responsável pela pluralidade das juventudes e de suas vivências.³

2 É evidente que ser pobre em um país desenvolvido economicamente difere quantitativa e qualitativamente de ser pobre em um país do dito “terceiro mundo”. Entretanto, um mesmo conceito (pobreza juvenil ou territorialidade) consegue abranger essas diferenças.

3 A concepção de Souza & Paiva (2012) sobre a gênese da pluralidade juvenil na contemporaneidade pode ser problemática se focarmos na realidade brasileira, tão densamente movida por outros elementos interseccionais como raça, gênero e sexualidade. No caso da Serra Leoa, cenário implícito de *Little Family*, a questão racial não é central para as sociabilidades ou na definição da pobreza juvenil. O mesmo vale para a sexualidade.



Nesse sentido, mesmo tendo suas particularidades culturais, as juventudes, rurais e urbanas, estão relacionadas a períodos de: (dificuldade para a) aquisição de autonomia e inserção no mercado de trabalho, no que concerne ao fator econômico; ao desenvolvimento da sexualidade e das funções reprodutivas, no que concerne ao fator biológico e psicológico; e ao êxodo rural, fator socioeconômico. Há países que entendem a juventude como aquela população até os trinta e cinco anos de idade, mas a maioria dos Estados entendem a juventude até os vinte e nove anos de idade. Contudo, é válido ressaltar que no caso de boa parte dos países africanos do oeste, a juventude pode ser considerada mais fluída e não rigorosamente etária.

Falar de juventude requer a abordagem de outros conceitos que, explícita ou implicitamente, afetam a vida deste grupo populacional. No que concerne à pobreza, não devemos enxergá-la apenas como a ausência ou pouco acesso ao pecúlio, mas, principalmente, como a inexistência ou existência deficitária de condições de satisfação dos direitos humanos básicos ou, como é chamada no campo da Economia, das NBIs – Necessidades Básicas Insatisfeitas. Ser pobre, nas palavras de Lito Fernandes (2010, p. 90), é ser excluído “das decisões a serem tomadas e dos serviços básicos que o Estado deve proporcionar” ou auxiliar, como saúde, educação, moradia e alimentação. Essa isenção do Estado ficou ainda mais latente em finais do século passado, quando do advento da globalização, que segundo Machado (2016, p. 25), tem provocado “grandes fragmentações e desigualdades territoriais que ultrapassam as discussões limitadas ao Estado-Nação”.

Quando aqui falamos em pobreza juvenil, estamos considerando essa condição como resultado do fortalecimento do capitalismo liberal nos séculos XIX e XX, que potencializou a concentração de riqueza na mão de poucos e causou a “exclusão, estigmatização e tentativa de destruição das classes pobres – notadamente da juventude pobre” (SOUZA & PAIVA, 2012, p. 355). Isso porque “a condição juvenil aparece, como uma posição nas hierarquias sociais, à qual os jovens tendem a ocupar uma posição social subalterna aos adultos” (WEISHEIMER, 2023, p. 22). Esta é uma questão mais crítica ainda para a juventude africana e, especificamente, da Serra Leoa, onde ocupa também uma posição subalterna aos idosos.

Além disso, principalmente no século XX, vemos, não só no mundo Ocidental mas também em África, “um processo de individualização que se intensifica à medida que o capitalismo impõe a cultura da ‘liberdade individual’ e da meritocracia” (SOUZA & PAIVA, 2012, p. 357). Já para Lito Nunes Fernandes (2010), professor da Universidade Colinas de Boé em Guiné-Bissau, existem três causas para a pobreza na África: a colonização, a desigual distribuição do comércio internacional e a atuação (ou sua falta) dos dirigentes locais. Este último elemento,

nos faz pensar em como, não só na África, as sociedades são geridas por gerontocracias, em detrimento da juventude. No caso específico da Serra Leoa, Breno Fernandes (2017) identificou a existência desse conflito geracional.

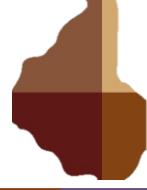
Conforme Souza & Paiva (2012) foi na contemporaneidade que a juventude pobre passou a ser vinculada à desordem social e à vadiagem. Entendida dessa forma, como um risco social, as juventudes, para os atores políticos estatais, pouco são alvos de programas que busquem, efetivamente, tirá-las da pobreza. Por outro lado, as juventudes abastadas são vistas como motores da transformação social. Vistas como estorvo social, as juventudes pobres constituem novas famílias (SOUZA & PAIVA, 2012). Muitas vezes, essas famílias não são entrelaçadas pelo sangue ou pelo amor romântico, mas sim, pelo compartilhamento de ideias e pela rede de apoio adquirida em alguma ocasião da vida, como veremos o caso da *little family* de Ishmael Beah.

Essas novas famílias buscam ressignificar suas vidas em sociedades que o tempo todo podam seus sonhos, o desenvolvimento de suas habilidades, o acesso ao conhecimento, à saúde, à educação, à segurança, ao lazer e ao trabalho digno. Aspectos que são essenciais para o autodesenvolvimento juvenil, como pondera Weisheimer (2023). Dito isso, percebe-se uma lacuna entre a

representação ideal da juventude e as diversas realidades em que se encontra a maioria dos jovens [...] para os jovens pobres, resta o estigma da marginalidade e associação à violência e criminalidade e, para os demais, prevalece a ótica progressista, embasada na ilusória liberdade individual (SOUZA & PAIVA, 2012, p. 357).

Os objetivos de vida da juventude estão, por assim dizer, limitados e condicionados pela estrutura social, a qual separa a economia das demandas sociais. Como bem assinalou o filósofo moçambicano David Silvestre Chabai Mudzenguerere (2023), isso acaba condenando os mais pobres ao ponto de partida. Mudzenguerere (2023) argumenta ainda, que a pobreza na África tem a complacência das elites locais, que se utilizam dessa condição para receber doações internacionais. O autor, contudo, esquece de mencionar que a manutenção da pobreza faz parte da própria agenda de autoperpetuação das elites, seja em África ou em qualquer outro lugar.

Romper com a lógica da pobreza extrema requer a abdicação de privilégios (inclusive da juventude abastada), a remoção de restrições para a plena vida aos desafortunados e uma consciência de coletividade. O que iria contra a ideologia neoliberal, afinal, “o princípio crucial do neoliberalismo consiste em minar os mecanismos da solidariedade social e ajuda mútua”



(MUDZENGUERERE, 2023, p. 258). O desenvolvimento do senso comunitário, do “existir-para-o-outro” ou *ubuntuismo* nas coletividades, da menor comunidade social, a família, até a maior, o Estado, não permitiria a existência “em África e no mundo, uns seres humanos morrendo ou vivendo vidas frias e deploráveis enquanto outros não sabem mais o que fazer pelas suas liberdades demasiadamente realizadas” (MUDZENGUERERE, 2023, p. 261).

É por essas e outras questões que as juventudes acabam se unindo e, amiúde, se territorializando. Aqui, a categoria “territorialidade” está relacionada à dimensão simbólico cultural do território e às formas de experimentação, apropriação, divisão e defesa dos territórios e espaços (MACHADO, 2016; HAESBAERT, 2004). De certa forma, a partir da territorialização, as juventudes conseguem alimentar a esperança, afinal, nesse processo, mecanismos distintos e exclusivos são adotados para a utilização da terra, organização do espaço e significação dos lugares. Concomitantemente, segundo Haesbaert (2004), o que vemos no mundo capitalista é a sobreposição da dominação sobre a apropriação do território. Para as populações pobres, o território é funcional e identitário, não simplesmente uma propriedade. A territorialidade seria, portanto, sintomática das relações humano-sociais estabelecidas em um determinado recorte temporal.

Como argumenta Machado (2016), em todo processo de territorialização há a interferência de elementos definidores da ação, como “a moral, a ética, a religião, enfim, o conjunto complexo de padrões de comportamento, dado pelas crenças, instituições e valores espirituais e materiais” (MACHADO, 2016, p. 28). Vale mencionar que esses padrões são construídos socialmente, inclusive, o próprio processo de construção da territorialidade pode funcionar como instrumento de mobilização e influência social.

3. Escolhas Metodológicas

Analizar o romance *Little Family* a partir de uma perspectiva global dialoga com os conceitos apresentados de pobreza juvenil e territorialidade, mas também com a própria vida do autor do romance, Ishmael Beah. Após suas vivências durante parte da guerra civil da Serra Leoa, em 1998, Beah fugiu do seu país natal e foi levado aos Estados Unidos com a ajuda do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Lá, onde vive atualmente, graduou-se em Ciência Política (2004) e virou membro do Comitê Consultivo da Divisão de Direitos das Crianças do *Human Rights Watch*. Sua posição de destaque no UNICEF faz parte de um projeto de vida que, segundo o escritor, tem o acompanhado para “garantir que o que aconteceu comigo

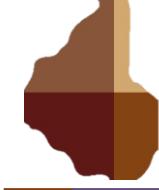
não continue a acontecer com outras crianças ao redor do mundo” (Beah, 2007, s/p.). É nesse sentido que Beah criou uma fundação que carrega o seu nome e que dá suporte a crianças envolvidas em conflitos armados.

Apesar de sua militância em relação às infâncias, muitas das questões abordadas, criticadas e defendidas por Beah tem que ver com as juventudes no sistema capitalista predatório. Assim, o serra-leonense conversa com populações dos mais variados territórios nacionais e situa, seja através de instituições ou de sua escrita literária, a realidade das juventudes na contemporaneidade.

Dito isso, a História Global que trago como perspectiva de análise consiste em centralizar as dimensões e processos globais, tendo em vista a facilidade da mobilidade, interação, troca e entrelaçamento de pessoas e ideias no mundo globalizado. Destarte, de acordo com Conrad (2019, p. 15-16), “o propósito da história global também é, por isso, um apelo à superação [...] [da] fragmentação. [...] Foca-se [...] nos processos que transcendem as fronteiras e as barreiras. Toma a interconexão global como ponto de partida”. Vale ressaltar que a mencionada interconexão é adequada como perspectiva para os propósitos de perscrutições sobre as consequências das desigualdades sociais na juventude. É salutar identificarmos e questionarmos se essa interligação serve para outros enfoques de pesquisa.

Embora o romance *Little Family* aborde uma realidade fictícia sobre um espaço demarcado, é possível identificar na narrativa elementos, conexões e condições estruturais ao nível global, tal como Sebastian Conrad caracterizou o entendimento de objetos de estudo globais. Mesmo homogeneizando as realidades enfocadas, o nivelamento da heterogeneidade permite a análise a partir de um denominador comum, de um padrão societário das experiências compartilhadas coletivamente. Sob este prisma, percebe-se que as formas locais da pobreza juvenil está ancorada numa condição prévia global do capitalismo.

É por este ponto de vista que a Análise de Componentes Principais (ACP) se mostra interessante para este trabalho. A ACP é uma abordagem mais global de um determinado fenômeno ou acontecimento, que permite verificar as formas pelas quais determinadas amostras (aqui, o romance) abordam uma temática, a partir da redução do número de variáveis (conceitos de análise). Nesse fluxo, a ACP busca “encontrar um meio de condensar a informação contida em um número de variáveis originais em um conjunto menor de variáveis estatísticas (fatores) com uma perda mínima de informação” (ZAHREDDINE & TEIXEIRA, 2015, p. 92). Em outras palavras, trata-se de reconhecer que *Little Family* pode ser analisado a partir de vários



recortes conceituais, como gênero, colonização, trauma, irmandade ou solidariedade, mas que, para os objetivos elencados neste trabalho, as variáveis pobreza juvenil e territorialidade se mostram suficientes.

Em concordância com esses pressupostos, Henry Roussou argumenta que tem sido característica do nosso tempo (final do século XX e primeiro quarto do século XXI) uma relação com o passado e o presente cada vez mais unificado e globalizado, “a suscitar formas de representações coletivas e de ações públicas que, pelo menos aparentemente, são cada vez mais semelhantes” (ROUSSO, 2014, p. 266). Um exemplo nítido dessas representações coletivas corroborativas sobre as juventudes desprivilegiadas pode ser identificado nas obras do literata angolano Ondjaki, que também denuncia as dificuldades impostas à supracitada população; ou mesmo no protagonismo de jovens adolescentes nos romances da nigeriana Chimamanda Adichie e Chinelo Okparanta. Seja como for, Stephanie Newell (2006, p. 7) é enfática ao afirmar que, no pós-colonialismo e pós-modernismo, os escritores africanos são os principais árbitros entre o global e o local, escolhendo, inclusive, por qual caminho percorrer com sua escrita literária.

4. *Little Family*

Como tenho reiterado ao decorrer deste artigo, o caminho escolhido por Beah é o da perspectiva global sobre a infância e a juventude. O que não quer dizer que as vivências tradicionais e locais africanas fiquem despercebidas em suas obras. Mergulhando nas particularidades da África Ocidental, Beah escreveu *Little Family* em Mauritânia, Senegal, Nigéria, Serra Leoa e Estados Unidos. Foi experimentando as culturas desses territórios que o autor construiu os personagens e paisagens do romance. Em síntese, a obra conta a história de cinco personagens, sem teto e em situação de rua, que vivem temporariamente em um avião abandonado, depois de terem perdido suas famílias por diferentes causas. A vivência conjunta dos personagens constrói aquilo que dá título ao romance, uma pequena família. Eles criam uma linguagem própria de comunicação (assobios e movimentos corporais) que os ajudam a lidar com os eventos cotidianos. Todos os personagens têm passados traumáticos que não compartilham/verbalizam uns com os outros.



O escrito, narrado em terceira pessoa, conduzido por um(a) narrador(a) onisciente e estruturado em dez capítulos, ocorre no século XXI, num país africano não nomeado, mas há menções a eventos sociais que foram marcantes na história da Serra Leoa, como enchentes e guerra civil. O avião abandonado e deteriorado que os personagens ocupam tem um logotipo de uma companhia aérea das cores da bandeira do mencionado país. A cidade na qual viviam era no litoral. O número de línguas que se fala na cidade fictícia condiz com o número de línguas faladas na Serra Leoa. As questões relacionadas à empregabilidade da juventude aparece no romance, assim como está enraizada na história do supracitado Estado, sendo este um dos motivos para a eclosão da guerra civil naquele país (1991-2002). Na cidade fictícia, o *reggae* também embala os sonhos e as denúncias da população, gênero musical essencial para a juventude serra-leonense. A data de independência da nação dos personagens condiz com a data da independência da Serra Leoa (27 de abril de 1961). Posto isso, mesmo com tantos sinais de uma demarcação territorial da narrativa, talvez a não-nomeação funcione exatamente como um instrumento globalizante das experiências dos personagens, expressando a mensagem: “pode ser uma realidade vivida aqui ou em outro lugar”, mas predominantemente do sul global.

Khoudiemata/Khoudi, de dezoito anos de idade, é a personagem central do romance, visto que acompanhamos de perto ao decorrer da narrativa o seu desenvolvimento, o seu autoentendimento e sua libertação feminina. Além dela, compõem a *little family*: Elimane, um rapaz de vinte anos, Kpindi, um jovem adolescente, Ndevui, um menino entre dez e onze anos, e Namsa, uma garota de mesma idade. Já aqui, percebemos uma definição de juventude muito relacionada às experiências, visto que não existe uma hierarquia entre os personagens ou grandes diferenças na vida cotidiana.

Vivendo numa realidade de marginalidade social, os(as) personagens sentiam na pele as desigualdades sociais provocadas pelo capitalismo. Quando Khoudiemata passava pelas ruas movimentadas de sua cidade (Foloiya), ninguém interagia com ela, “era como se ela não existisse. Ela não era visível – os olhos das pessoas a avistavam – mas de alguma forma, ela foi esquecida assim que foi avistada” (BEAH, 2020, p. 11). Até a sombra das pessoas lhe dava as costas, pois pressupunha a inerente ignorância que pessoas como Khoudi teria. Os personagens são invisíveis porque são estigmatizados socialmente, como postulou Souza & Paiva (2012) em relação ao processo de destruição das juventudes pobres.

Como pondera Mudzenguerere (2023, p. 259), “O invisível não existe, porque não gera qualquer atenção. É nisso que consiste a sua violência”, no caso, a violência da invisibilidade. Esse ser invisibilizado “não pode ser amado, mas tão só consumido [...] numa sociedade em

que cada indivíduo é objecto de consumo do outro, torna-se impossível uma acção comum, impossível um ‘nós’, impossível uma comunidade” (MUDZENGUERERE, 2023, p. 259). Concomitantemente, com todas as dificuldades vivenciadas, “em certo sentido, eles sabiam que eram mais livres do que a maioria da população” (BEAH, 2020, p. 89). Era a invisibilidade que permitia ao grupo “mover-se pelo mundo como quisesse” (BEAH, 2020, p. 110). É na rua que Khoudi tem a “sensação de invencibilidade”. Mais tarde na narrativa, ao transitar entre a rua e os espaços privados e privilegiados, ao tornar-se visível para a sociedade, Khoudi tem que abrir mão dessa “invencibilidade”.

No caso de Khoudi a invisibilidade era ainda mais forte se comparada com os outros personagens. Enquanto mulher, numa sociedade machista, sua própria existência física lhe causava ameaça, mas ela se acostumou com essa dinâmica social, vestia roupas grandes “para mascarar os contornos de seu corpo e se manter segura” (BEAH, 2020, p. 16). Ela vivia numa sociedade patriarcal, onde o corpo da mulher não deveria ser visto despidos, onde a mulher não poderia sentir prazer. Enquanto moradora de rua, Khoudi foi alijada da autoestima. Os homens ricos e educados formalmente tinham a mesma conduta dos homens pobres e sem instrução em relação a ela e às outras mulheres. Aspecto que nos faz pensar em como opera o machismo de forma interclasse.

É Khoudi que sofre com o machismo que opera também na pequena família, afinal, é ela que atua como se fosse uma mãe no grupo. Por essas e outras que dificilmente os personagens conseguiam “parar de pensar em tudo o que estava contra eles” (BEAH, 2020, p. 18): uma estrutura primariamente organizada em classes, mas interseccionada por outros elementos, como gênero e idade. Os personagens sobrevivem de pequenos trabalhos ou mesmo de furtos; situação que os enrijeceram na vida. Nvedui, por exemplo, achava que demonstrar sentimentos era um luxo que não estava alcançável a ele. Esse pensamento nos leva a afirmar que a pobreza extrema não só afeta fisicamente as pessoas, mas também a sua psiquê, as suas relações interpessoais e a própria autopercepção.

Para se munirem perante essa realidade, os personagens dividem a vida entre o mundo interno (o convívio da *little family* no avião abandonado) e o mundo externo, no qual a invisibilidade, o segregacionismo e tantos outros males imperavam: “No mundo exterior, eles andavam e falavam com uma urgência silenciosa. Os sorrisos e risadas se foram” (BEAH, 2020, p. 21). Tudo para não demonstrar fraqueza e emoção perante um mundo que almeja destruí-los. No mundo externo, os jovens percebiam como as pessoas que tinham emprego formal e fixo

também estavam cansadas; seus empregos “lhes lembravam que as suas vidas continuariam a ser uma luta” (BEAH, 2020, p. 22).

Essa estrutura rígida da pobreza é nomeada por um dos personagens de *Pull-down-and-keep-down syndrome*.⁴ Nas relações de trabalho, essa lógica funcionaria na medida em que um detentor de recursos financeiros diminui a valiosidade da força de trabalho e da vida daquele que carece de poder econômico, ao mesmo tempo que valoriza sua própria vida e poder de compra da mão de obra. Nessa lógica, aquele que precisa de emprego se humilha e aceita qualquer situação trabalhista. Assim, conforme o narrador onisciente, Foloiya, a cidade na qual os personagens sobreviviam, era honesta ao escancarar para a sociedade a síndrome do puxar e manter embaixo. E no caso das pessoas em situação de rua, sem emprego formal, a sociedade sempre arrumava uma forma de “perturbar a vida de pessoas como elas, aquelas para as quais a sociedade não tinha utilidade” (BEAH, 2020, p. 42). Num sistema capitalista perverso, mulheres como Khoudi, “inteligente, observadora, esperta e durona” (BEAH, 2020, p. 157), mesmo tendo essas qualidades não conseguem ter o mínimo de dignidade. Não por incapacidade, mas por supressão classista.

De certa forma, o romance quebra com o estigma de que só há pobreza na Serra Leoa ou na África. Muito pelo contrário, como constatado, Khoudi se maravilhava “com o quanto consistentemente a vida poderia ser boa para algumas pessoas” (BEAH, 2020, p. 173). Trata-se, assim, da má distribuição de recursos e das possibilidades de satisfação das necessidades humanas básicas. São as pessoas desprovidas desses recursos básicos, chamadas de “mãos invisíveis” no romance, que sustentam a classe detentora de poder econômico, social e simbólico.

Pensando nesse cenário hostil especialmente às crianças e aos jovens, um andarilho diz para Namsa: “Não deixe o mundo arruinar você, criança” (BEAH, 2020, p. 46), mesmo numa sociedade que te expõe àquilo que você não pode alcançar e, ao mesmo tempo, te instiga a desejar o inalcançável. Novamente, mesmo as crianças com dez anos se encaixariam no conceito de juventude apresentado nas páginas anteriores, afinal, não seria a idade em si que definiria o termo, mas as experiências, o estilo de vida ou as restrições e imposições de vida.

Outra forma de violência estrutural contra a juventude pobre passa pelo despojamento do conhecimento sobre as tradições locais e pela vinculação das mesmas ao pensamento retrógrado, como um dos personagens reflexiona. Implicitamente, o despojamento do acesso ao

4 Que em tradução livre poderia ser algo do tipo: “Síndrome de puxar e manter na pobreza”.

conhecimento acaba podando a rebeldia que, amiúde, está vinculada à juventude. Um dos personagens relata: “Ninguém da minha idade [20 anos] parece pensar ou se importar com esses assuntos” (BEAH, 2020, p. 148, *grifos meus*). Os assuntos referenciados eram o colonialismo e suas violências simbólicas e epistemológicas, ao mesmo tempo que é uma crítica ao capitalismo que também age de forma colonizatória. Assim, conforme o narrador do romance, o fato de um dos personagens questionar a realidade “significava que sua mente rebelde de infância estava viva” (BEAH, 2020, p. 147) e que não tinha sido aniquilada pela estrutura social.

Uma das formas de resistência do quinteto era a territorialidade e a irmandade. Os personagens se viam como *Sam*, termo que aparece no romance como uma expressão local que significa companheiros, amigos, irmãos, que lutavam pela manutenção e conquista da dignidade, mesmo em situação de pobreza extrema. A territorialidade da pequena família servia, assim, para a fortificação dos laços de companheirismo entre jovens que vivem uma juventude real, que não tem nada de idealismo, pois são afetados pela inexistência de condições de satisfação dos direitos humanos básicos. Fazia parte da camaradagem dos jovens a divisão igualitária do escasso alimento que conseguiam individual ou coletivamente. Dessarte, os personagens agem, através da ajuda mútua, da solidariedade e da própria existência, contra o processo de individualização neoliberal e põem em cheque a ideia da meritocracia, afinal, cada um tinha uma série de habilidades ignoradas pelo sistema capitalista. Talvez por serem vistos como problema social ou serem invisíveis.

Se em todo processo de territorialização há elementos definidores da ação (MACHADO, 2016), como os valores, o que move a territorialização dos personagens é a fortificação da juventude pobre e a solidariedade. Assim, “é na esperança de nos completarmos com o outro que buscamos a vida em comum, que buscamos o viver-juntos” (MUDZENGUERERE, 2023, p. 262). A esperança da *little family* era viver em mundo menos desigual em termos de classe e gênero. Vale enfatizar novamente que, era para a irmã mais velha (Khoudi) que os cuidados familiares recaíam: “Por mais que [os meninos] amassem Namsa, eles não cuidariam dela [da irmã mais nova] como Khoudi faria” (BEAH, 2020, p. 63, *grifos meus*).

Como mencionado nas páginas anteriores, a territorialidade está relacionada às formas de experimentação, apropriação, divisão e defesa dos territórios e espaços. Conforme Machado (2016), com base em Robert Sack, há algumas estratégias amiúde utilizadas para o controle do território, como a delimitação da área e implementação de limites/fronteiras, alocação de recursos (que aqui, acredito, pode ser de cunho simbólico ou material) e o estabelecimento de regras. No romance, as fronteiras do território da *little family* está no perímetro logo após a



saída do avião, na clareira. Os recursos alocados consistem principalmente na afetividade construída naquele espaço. As principais regras da “casa” eram os assobios que sinalizavam que tudo estava em ordem, se não havia invasores ou qualquer situação atípica.

Os jovens personagens acabam adotando várias formas de resistência para além da territorialidade, como a observação do cotidiano. A vigia para pessoas como Kpindi e Khoudi era uma forma de utilização do tempo, de significação da vida, de entretenimento, de imaginação e de manutenção dos sonhos e desejos que, muitos deles, estavam na própria lógica do capitalismo predatório. Já a música, para Kpindi, parecia lhe dar a energia que a sociedade tentava lhe tirar: “Quando não tinham nada para comer, ele cantava em voz alta e dançava” (BEAH, 2020, p. 19).

O romance vai tomando densidade quando Khoudi consegue tirar um tempo para cuidar de si e vai a um salão de beleza de uma mulher que agia com sororidade e companheirismo. Após este episódio, Khoudi se sente notável pela sociedade, desejada pelos homens e começa a se enturmar com jovens abastados de idades semelhantes a dela. Khoudi tem a experiência de ressignificação do ato da observação de uma prática de sobrevivência para uma prática de aprendizado dos hábitos de sociabilidade juvenil dos não-marginalizados (sair para beber, namorar, ir ao salão ou ao restaurante). Nesses novos espaços visitados, “ninguém estava conversando sobre como e onde conseguir comida para o dia” (BEAH, 2020, p. 79). Khoudi pensa: “Aparentemente todos vieram aqui para mostrar que a vida era boa para eles” (BEAH, 2020, p. 80). Mas a personagem sabia que “a vida ria da maioria das pessoas e as tornavam esquecidas e vulneráveis” (BEAH, 2020, p. 83).

Reflexionando sobre as desigualdades sociais, Khoudi expõe: “num país onde a esmagadora maioria da população é desesperadamente pobre, qualquer pessoa rica é automaticamente suspeita” (BEAH, 2020, p. 114). Em resposta, um taxista diz: “Dois tipos de pessoas amam a disfuncionalidade. Aqueles que se beneficiam [...] E aqueles que se acostumaram [*com a mesma*]” (grifos meus, *ibidem*). A fala do taxista nos lembra de quem lucra com a pobreza extrema e/ou quem contribui para tal realidade.

Foloiya era também uma cidade na qual a “corrupção era tão comum que raramente resultava em prisões” (BEAH, 2020, p. 108). No *novel*, as causas da pobreza africana dialoga com as proposições de Fernandes (2010) sobre como a colonização e a má gestão dos políticos locais contribuem para a perpetuação da pobreza juvenil. Isso porque os administradores públicos agem em prol das elites. Esse cenário só mudará quando o Estado e suas instituições

“trabalharem para o povo e não para a minoria ou classe elitizada” (FERNANDES, 2010, p. 92). Ideia sobre os países colonizados que já está em pauta há mais de meio século, quando na década de 1960, Fanon chamou a atenção para a necessidade do Estado ir de encontro com as massas, não subjugá-las. Contudo, Fernandes (2010) argumenta que, hoje em dia, tanto o desenvolvimento econômico como a erradicação da pobreza, são compromissos que “têm que partir dos próprios subsaarianos. Já é hora de buscar soluções viáveis e deixar de colocar a culpa nos países desenvolvidos” (FERNANDES, 2010, p. 93).

Como é possível perceber, o romance de Beah é um rico objeto de estudo que nos permite analisá-lo por diferentes variáveis conceituais, como, por exemplo, o abuso de poder por parte da polícia em países com grandes desigualdades sociais ou o racismo migratório. Na obra, há a representação da posição dos libaneses no microcosmo capitalista de Foloiya. Eles eram proprietários de supermercados nas áreas mais caras da cidade. Esse elemento nos faz pensar em como o processo migratório, assim como outros processos sociais, é racista. Mundialmente, as populações pretas e pardas quando estão em situação de diáspora, acabam exercendo empregos com péssimas remunerações e condições de trabalho. Situação que é, no mínimo, flexibilizada quando esse imigrante é branco, amarelo ou qualquer cor/etnia que se diz superior à população local do Estado que o recebeu.

5. À Guisa De Conclusão

Na esfera autoral, Beah denuncia as desigualdades sociais geradas pelo capitalismo, critica a lógica do *pull-down-and-keep-down syndrome* e mostra como a marginalidade juvenil é gerada a partir da corrupção, do colonialismo, do individualismo e da gerontocracia. Ao contrário de suas outras escritas, *Little Family* tem uma grande ênfase em como a marginalidade juvenil é acentuada a depender do gênero das pessoas. Um exemplo nítido dessa escolha está na esfera narrativa da obra. Khoudi é uma personagem que busca romper com as estruturas, não aceitando a falácia de que as circunstâncias atuais não são passíveis de mudança. Acredito que o romance tenha tido essa sensibilidade de gênero não só pelo crescimento de Beah enquanto

pessoa e escritor, mas também pela influência de sua esposa, Priscillia Kounkou Hoveyda.⁵ O que, de certa forma, está nos agradecimentos do romance.

Ao final do escrito, no capítulo dez, Ndevui expõe: “É a nossa liberdade que nos torna tão perigosos” (BEAH, 2020, p. 197) ao sistema capitalista predatório e às elites locais. Contudo, um adendo é de muita valia à grande reflexão do personagem. Não só a liberdade ameaça as estruturas hegemônicas desiguais, mas também as formas de solidariedade e territorialidade que os personagens constroem, tão semelhantes aos modos que diversas juventudes acabam realizando ao redor do globo, principalmente no sul global. É a liberdade aliada à territorialidade que permitem as juventudes pobres combaterem as opressões que vivem e construir/trilhar seus próprios caminhos.

REFERENCIAS

- BEAH, Ishmael. Biography (2007). Disponível em: <<https://www.ishmaelbeah.com/bio/>>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- BEAH, Ishmael. Little Family. New York: Riverhead Books, 2020.
- CONRAD, Sebastian. O que é a História Global. Lisboa: Edições 70, 2019.
- FERNANDES, Breno. Os heróis que detestavam quem eles deviam salvar: o paradoxo identitário das crianças-soldados na Guerra de Serra Leoa. Cadernos do CEAS, Salvador/Recife, v. 1, n. 241, p. 477-496, mai./ago. 2017.
- FERNANDES, Lito Nunes. A pobreza na África Subsaariana e suas consequências no mundo globalizado. Revista de Desenvolvimento Econômico (RDE), Salvador, v. 13, n. 22, p. 87-96, dez. 2010.
- HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- MACHADO, Mônica Sampaio. Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. Geo UERJ, v. 1, n. 1, p. 17-32, 2016.
- MUDZENGUERERE, David Silvestre Chabai. Desafios da juventude face ao desenvolvimento da África: um olhar sobre Moçambique. Revista EDUCAmazônia – Educação, sociedade e meio ambiente, Humaitá, v. 16, n. 2, p. 254-265, jul./dez. 2023.
- NEWELL, Stephanie. West African Literatures: Ways of Reading. New York: Oxford University Press, 2006.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PIMENTA, Melissa de Mattos. Juventudes e territórios: apresentação. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PIMENTA, Melissa de Mattos (Orgs.). Juventudes e Territórios. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 09-20.
- ROUSSO, Henry. Rumo a uma globalização da memória. História Revista, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 265-279, 2014.

5 Hoveyda é uma cineasta, contadora de história e advogada iraniana, fundadora do *Collective for Black Iranians*, engajada também em movimentos de defesa dos direitos das crianças. Em suas produções cinematográficas, Priscillia busca visibilizar as identidades negras de forma interseccional, com maior atenção às mulheres negras.

- SOUZA, Candida de; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 17, n. 3, p. 353-360, set./dez. 2012.
- WEISHEIMER, Nilson. Prefácio. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PIMENTA, Melissa de Mattos (Orgs.). *Juventudes e Territórios*. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 21-26.
- ZAHREDDINE, Danny & TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. A ordem regional no Oriente Médio 15 anos após os atentados de 11 de setembro. *Revista de Sociologia e Política*, v. 23, n. 53, p. 71-98, 2015.

